

## O PROJETO SÍTIO-ESCOLA GUARÁ E A INICIAÇÃO À PESQUISA ARQUEOLÓGICA

*Carvalho, H.B.\**

*Duran, S.C.P.\**

*Damasio, L.M.\**

*Lima, G.V.\**

*Péclat, G.T.S.C.\**

*Santos, G.A.\**

*Silva, K.L.\**

*Telles, M.A.\**

*Orientadora: Dra. Irmhild Wüst\**

RESUMO: O projeto tem por finalidade despertar a vocação de alunos de graduação para a arqueologia, aprimorando a sua formação acadêmica por meio da pesquisa de campo e de laboratório, bem como atender a necessidade da pesquisa arqueológica no Brasil Central. A natureza multicomponencial do sítio arqueológico Guará I – uma aldeia de agricultores ceramistas dos primeiros contatos – permite, a partir da análise espacial dos aspectos tecnológicos e morfológicos, evidenciar uma possível hierarquização interna (divisão de trabalho, relações intra e extra comunitárias, acessos diferenciados a recursos etc.) e ainda testar a hipótese de uma reocupação de uma simbiose por ocasião das pressões exercidas pela expansão da sociedade colonial. A pesquisa etno-histórica, por meio da documentação e da tradição oral, contribuirá adicionalmente na compreensão dos processos de fricção interétnica e da posterior ocupação da área pela sociedade brasileira, marcando o caráter interdisciplinar e interdepartamental do projeto.

O projeto sítio Escola Guará é de natureza interdisciplinar e interdepartamental, conta com o apoio financeiro do CNPq e da Universidade Federal de Goiás. Está sendo desenvolvido nas dependências do Museu Antropológico da UFG sob a coordenação geral da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irmhild Wüst e conta com a orientação do professor Dr. José Antônio de C. R. de Souza<sup>1</sup> na área de documentação, etno-história e tradição oral.

\* Universidade Federal de Goiás.

1. Departamento de História, UFG.

A maioria das pesquisas arqueológicas no Estado de Goiás caracteriza-se por sua natureza essencialmente descritiva (cf. Wüst, 1983). No entanto, hoje a arqueologia deve ser compreendida como uma ciência social, voltada à análise dos sistemas processos sócio-culturais.

O Mato Grosso de Goiás foi palco de uma intensa ocupação por grupos ceramistas agricultores pelo menos a partir do século VIII da nossa era e que entra em colapso com a expansão da sociedade colonial. Neste perspectiva o projeto sítio-escola Guará está voltado não apenas ao estudo de um sítio, Guará I (GO-Ni-100/1), mas também aos demais 11 sítios já prospectados dentro de um raio de 3 km que abrangem uma profundidade temporal considerável.

O sítio Guará I localiza-se a 30 km da cidade de Goiás, área dos primeiros povoamentos coloniais do Estado. Trata-se de um sítio a céu aberto de grupos agricultores ceramistas do período dos primeiros contatos diretos (século XVII) e apresenta um diâmetro máximo de aproximadamente 440 m.

A ocupação do sítio é multicomponencial, correspondendo aos portadores da tradição Aratu (fase Mossâmedes) e da tradição Uru. Isto sugere duas hipóteses: a de uma reocupação deste sítio em tempos distintos ou a de uma eventual "simbiose" entre os portadores das duas tradições ceramistas por ocasião das pressões exercidas pela expansão da sociedade colonial.

Assim, a análise espacial em relação aos aspectos tecnológicos e morfológicos dos artefatos cerâmicos e líticos, provenientes de uma coleta sistemática de superfície em uma área de 38.000 m<sup>2</sup> e de cortes estratigráficos contribuirá para compreender a formação do refugio, o processo do descarte diferenciado das atividades humanas, a variabilidade da cultura material em nível de áreas residenciais, bem como a exploração territorial distinta das matérias primas.

Desta forma abandonamos o conceito normativo da cultura (cf. Flannery, 1976) objetivando a reformulação da visão tradicional sobre as sociedades chamadas igualitárias e marginais do Brasil Central (cf. Steward & Faron, 1959). O encaminhamento teórico-metodológico permitirá evidenciar a hierarquização das unidades residenciais, eventual divisão de trabalho, redes de relações extra-comunitárias e o acesso diferenciada a recursos.

Aliado a estes dados de natureza arqueológica, a pesquisa etno-histórica, etnográfica e a tradição oral contribuem para entender o processo do desaparecimento das sociedades indígenas na área sob investigação, bem como o processo da ocupação humana pela sociedade brasileira.

A experiência didática iniciou-se através de cursos de extensão que possibilitaram um treinamento na análise dos artefatos cerâmicos e líticos e que abriram horizontes para o potencial da cultura material na compreensão de aspectos sociais, políticos, econômicos e mesmo ideológicos de sociedades não mais existentes e sobre as quais as fontes etnológicas e etno-históricas silenciam.

Ao mesmo tempo o projeto está proporcionando o aprendizado de métodos e técnicas de campo e laboratório e um aprofundamento da teoria antropológica e arqueológica, bem como da metodologia de elaboração de projetos e trabalhos científicos.

As diversas atividades deste projeto sítio-escola permitiram uma maior integração entre os diversos departamentos da UFG e do Museu Antropológico e com a comunidade em geral contribuindo para a conscientização e preservação do patrimônio arqueológico e a reformulação de conceitos estereotipados sobre a cultura indígena do Brasil Central.

## **Os primeiros resultados**

### *O trabalho de campo*

Os primeiros resultados aqui apresentado decorrem da análise dos dados obtidos em duas pesquisas de campo (1992 e 1993) e dos quais participaram três professores e 19 e 14 alunos respectivamente. A primeira etapa de campo destinou-se principalmente à coleta de superfície e cortes estratigráficos no sítio Guará I, ao registro de outros sítios (1 abrigo-sob-rocha, 4 sítios líticos e 6 sítios cerâmicos a céu aberto), a documentação da tradição oral e a pesquisa de documentos. A segunda etapa de campo destinou-se ao estudo do meio ambiente físico empregando-se a técnica de captação de recursos (cf. Higgs, 1975; Roper, 1979) à coleta de matérias primas e à tradição oral.

### *Os dados etno-históricos*

A pesquisa etno-histórica, aliada à arqueologia, possibilita compreender aspectos importantes do processo de mudança cultural de grupos indígenas, desde os primeiros contatos com o elemento colonizador até a sua completa extinção ou expulsão do seu território tradicional (Trigger, 1987). Os primeiros contatos entre a sociedade colonial e os indígenas na região do centro-oeste se deram pelas bandeiras que inicialmente visavam o aprisionamento dos índios para servirem como escravos e, posteriormente, a busca de ouro e pedras preciosas.

Com a fundação do arraial de Villa Boa em 1727, se deu a efetivação da exploração de ouro em Goiás, verificando ser muito aurífera a região de Batatal (entre Ouro Fino e Ferreiro), território dos índios Goyá (cf. Nimuendajú, 1981) e onde se localiza a área de pesquisa.

Os grupos indígenas etnograficamente documentados mais próximas a esta área são os Xerente, Xavante, Kayapó do Sul e os Karajá. De acordo com a tradicional História Goiana, o arraial de Villa Boa sofria diversos ataques de nações indígenas. A colônia, no entanto, enfrentava esse problema com lutas constantes contra os índios.

Quando D. Luiz de Mascarenhas assumiu o governo da capitania de Goiás em 1739, instituiu o sistema de aldeamento, visando acabar com os ataques indígenas. Este sistema foi regulamentado em 1750 pelo Marquês de Pombal segundo o qual os aldeamentos representam uma medida para a “pacificação” dos índios, tornando-os ao mesmo tempo “cidadões ativos” no processo de povoamento, ou seja, reserva mão de obra agrícola.

Mesmo na tentativa de convívio “pacífico” com os indígenas, a forma de dominação pela força era freqüentemente preferida (Doles, 1972:27). Após 1750 foram criados diversos aldeamentos oficiais na província de Goiás que congregavam diversos grupos indígenas oriundos de várias regiões da província. Os aldeamentos mais próximos a área da pesquisa são: São José de Mossâmedes (60 km ao sul), Maria I (112 km ao sudoeste e o Carretão (57 km ao norte) (cf. Chaim, 1974).

A ocupação efetiva da área de pesquisa pela sociedade nacional se deu com a criação da colônia Agrícola Nacional de Goiás, por Getúlio Vargas em 1941. Houve uma recolonização do Mato Grosso

de Goiás pelo fato desta área oferecer condições privilegiadas em relação aos recursos naturais para atividades agrícolas.

Segundo os dados até agora disponíveis, a origem das cidades de Itapuranga e Guaraíta (mais próximas à área do Guará) remonta a compra de terras devolutas do estado pelos dominicanos em 1924. Em 1922 essas terras foram doadas à freguesia de Ouro Fino construindo-se uma capela que deu origem ao povoado de Xixa (ou Chichá), atual cidade de Itapuranga que se tornou município em 1957. Atualmente a área do Guará é densamente habitada predominantemente por agricultores de pequenas e médias propriedades.

Todavia, deve ser ressaltado que muitas fontes primárias ainda estão sendo levantadas nos arquivos municipais, eclesiásticos e particulares, assim como na Procuradoria Geral do Estado.

### *Os dados da tradição oral*

Os primeiros resultados da memória dos contatos inter-étnicos referem-se às incursões de pequenos grupos indígenas pela região do Guará da década de 40, provenientes do aldeamento Carretão. Isto não significa que os mesmos representam os grupos que habitavam os sítios arqueológicos do Guará.

Os moradores da região (descendentes ou não de indígenas) perpetuaram construções no imaginário social à respeito do índio, considerando-o “bicho do mato”, “traíçoeiro”, “ladrão” e até mesmo um ser invisível. A invisibilidade do índio é uma expressão presente na mentalidade dos habitantes o que sugere uma atitude de medo, pavor e preconceito.

### *Os dados arqueológicos*

#### Os artefatos cerâmicos

Os artefatos cerâmicos constituem o material numericamente mais abundante no sítio Guará I, apresentando ao lado leste fortes semelhanças com a cerâmica da tradição Uru e a oeste com a fase Mossamedes da tradição Aratu (cf. Schmitz et al., 1982). Em algumas áreas do sítio ainda ocorre, apesar dos três anos de cultivo com im-

plementos tradicionais, uma relativa alta nucleação do material arqueológico que parece corresponder a áreas residenciais.

Até agora foram analisados 4.656 fragmentos provenientes de duas áreas distintas, compreendendo um total de 2.400 m<sup>2</sup> e que correspondem a tradição Uru.

Os artefatos cerâmicos são uma fonte básica para o entendimento da exploração de recursos, de aspectos da estrutura social e das relações extra-comunitárias. Informam ainda sobre tomadas de decisão no processo de seleção de argilas e temperos reduzindo-se assim, as perdas na confecção e manuseio dos recipientes (cf. Shepard, 1956; Rye, 1981; Rice, 1987).

Na confecção dos recipientes foram utilizados quatro tipos de argila, todos presentes nas proximidades do sítio. Nota-se uma preferência (77%) pela argila que, após a sua oxidação, apresenta uma coloração esbranquiçada. O tempero predominante é constituído por cinzas vegetais: cariapé A (97%) e cariapé B (0.7%) (cf. Linné, 1931:228-9 e Wüst, 1976/7), enquanto apenas 2% das bordas contam exclusivamente com componentes minerais.

A técnica de fabricação é predominantemente anelada, enquanto as bases e os apêndices foram modeladas. A queima foi oxidante, atingindo em 22% das bordas uma oxidação completa. O elevado grau de oxidação das bases parece ter sido resultante do seu uso constante sobre o fogo. Referente ao tratamento de superfície, apenas 6.3% dos fragmentos apresentam um polimento, enquanto os demais são apenas alisados, o que todavia pode ser resultado das condições pós-deposicionais.

Nos diversos depósitos de argila próximos ao sítio, encontram-se, conforme a profundidade, diferenças significativas de argila em relação às impurezas (hematita, areia, mica muscovita). Nota-se preferência acentuada pela argila que, após a queima, apresenta-se esbranquiçada e que contem impurezas de tamanho e quantidade reduzida. Esta argila, em combinação com tempero de origem vegetal, foi empregado na confecção de todas as formas. No entanto, deve ser ressaltado que nos recipientes com volumes superiores a 50 litros (predominantemente destinados ao armazenamento de alimentos e líquidos) ocorre uma certa preferência para uma pasta com grãos maiores de hematita e areia, bem como o emprego de partículas vegetais de tamanho maior. Isto sugere que há uma certa correlação entre tamanho de recipientes

e a textura da pasta, proporcionando uma maior sustentação durante o processo da confecção. Testes acerca de resistência, choque térmico e stress mecânico, todavia, exigem ainda testes de laboratório.

Os aspectos morfológicos dos recipientes e sua correlação com as variáveis de ordem tecnológica, juntamente com as marcas de uso, representam a base para responder questões sobre o domínio da matéria prima, suas funções específicas na transformação, estocagem e transporte de alimentos sólidos e líquidos, bem como sobre possíveis indicadores de natureza social (cf. Arnold, 1988).

Apesar dos desgastes pós-deposicionais, registraram-se as seguintes marcas de uso: fuligem, principalmente nos recipientes globulares fechados com apêndices (apontando um uso direto sobre o fogo); desgastes circulares por líquidos (indicando nos jarros e potes com volumes superiores a 10 litros estocagem de líquidos); desgastes sobre a parte superior da borda em tigelas e potes d'água, resultantes do atrito por outros implementos; desgastes sobre a parte superior interna da borda em volumes superiores a 10 litros que podem ter sido provocados por choques físicos; oxidação quase completa nos pratos o que remete ao uso prolongado sobre o fogo (cf. Halley, 1983; Sinopoli, 1992; Skibo, 1992; Schiffer & Skibo, 1989).

A análise espacial em relação aos aspectos tecnológicos, morfológicos e funcionais revela que: a cerâmica é predominantemente utilitária, fabricada no próprio sítio por membros de cada unidade residencial; as unidades domésticas parecem ter sido de tamanho reduzido, uma vez que predominam recipientes com volumes inferiores a 20 litros. Há ainda possíveis áreas de rituais coletivos sugeridas por raros volumes excepcionalmente grandes (de aproximadamente 700 litros); os pratos e as bolotas de argila – esses resultantes da confecção da cerâmica – ocorrem em áreas externas às unidades residenciais, sugerindo a presença de locais de atividade específica.

Os elementos decorativos abrangem a decoração plástica (2.6%) e o engobo preto ou vermelho (0.6%). Os 25 diferentes tipos de decoração plástica (inciso, ungulado, entalhado e apêndices) apresentam em parte uma distribuição espacial não aleatória, podendo estar relacionados a veicular mensagens de natureza social. A presença de fuligem em apêndices (“asas”) indica a sua natureza essencialmente estrutural e não decorativa.

## Os artefatos líticos

Os artefatos líticos abrangem instrumentos sob seixo bifacialmente retocados, percutores de seixos, instrumentos sobre lasca (empregados para cortar e raspar) polidores com e sem canaleta e recipientes esculpidos em pedra-sabão (para o esquema classificatório empregado, vide Laming-Emperaire, 1967).

Alguns dos artefatos líticos, mesmo ocorrendo em número reduzido (72 peças) apresentam uma distribuição espacial não aleatório, incluindo funções e matérias primas específicas em nível de unidades residenciais. Enquanto o pedra-sabão, a matéria prima predominante, ocorre em todas as áreas sob análise, seguida por arenito silicificado, a calcedônia limita-se a apenas uma das áreas. Da mesma forma a técnica bipolar e o espatifamento se restringem apenas a uma das áreas, o que também vale para os polidores com canaleta fina.

Estes dados, bem como o estudo da ocorrência das matérias primas prometem fornecer indicadores para certos aspectos da organização social e da exploração territorial diferenciada.

## A experiência do sítio-escola em nível de graduação

### *A formação*

Tendo em vista a inexistência da disciplina de arqueologia no curriculum da Universidade Federal de Goiás, o sítio-escola Guará tem por finalidade despertar a vocação de futuros arqueólogos já durante o curso de graduação. Visa ainda aprimorar a formação acadêmica dos alunos para atender as necessidades de pesquisa em arqueologia na região do Brasil Central.

O sucesso do projeto sítio-escola Guará dentro da Universidade já proporciona um interesse na adoção desta disciplina, pelo menos em nível de mestrado.

### *A experiência de campo*

A experiência didática em campo proporcionou aos alunos um primeiro treinamento nos métodos e técnicas arqueológicas, tais

como: demarcação e mapeamento de um sítio, coleta de superfície, cortes estratigráficos e decapagem, mapas de curva de nível, perfis topográficos, captação de recursos (cf. Higgs, 1975; Roper, 1979), mapeamento dos tipos de solo, de vegetação e das matérias primas, bem como da coleta de amostras de argila, corantes minerais e matérias primas aptas ao lascamento.

O trabalho de campo promoveu ainda uma integração entre a comunidade regional e a Universidade, através da pesquisa da tradição oral e de conversas informais, onde houve uma melhor compreensão por parte dos alunos da realidade regional do interior goiano. Foi constatado que a comunidade não conhecia a totalidade da história da região e subestimava o valor do seu conhecimento, em carácter popular, que é de grande valor para a História de Goiás.

Com a presença dos universitários, orientando esta comunidade, no que tange a um conhecimento da pré-história do Brasil Central e a necessidade da preservação do patrimônio arqueológico, cultural e histórico brasileiro, iniciou-se um processo que certamente contribuirá para um exercício mais pleno da cidadania.

Notou-se o valor concebido à universidade por esta comunidade que se prontificou em participar e ajudar à equipe em vários sentidos, tais como: informações, hospedagem, alimentação, transporte, etc. Toda esta relação levou a uma mudança do ponto de vista de ambos os lados à respeito do ensino da Universidade Brasileira.

### *A experiência de laboratório*

Em oposição a outros projetos sítios-escola no Brasil, o presente projeto se diferencia principalmente no sentido de incorporar também atividades de laboratório. Destaca-se o aprendizado teórico dos alunos em arqueologia através de leituras teóricas e de arqueologia brasileira, discutidas em seminários. Com o aprendizado em metodologia de elaboração de projetos científicos, juntamente com palestras, apresentações e exposições realizados pelos alunos, observou-se um melhor desempenho dos mesmos junto ao curso de graduação e à própria dinâmica do projeto como um todo.

Junto com o aprendizado teórico, destaca-se o treinamento em métodos e técnicas de análise dos artefatos líticos e cerâmicos, assim

como a sua interpretação voltada a sistemas e processos sócio-culturais e que levou a uma reformulação do conceito sobre os ocupantes pré-coloniais da região (cf. Steward & Faron, 1959). A análise da documentação sobre a História de Goiás, junto com a pesquisa etnográfica dos grupos indígenas do Brasil Central, além dos depoimentos coletados pela tradição oral, aliados ao estudo do meio ambiente físico vem marcar o carácter interdisciplinar do projeto.

Assim, todos os alunos adquirem uma melhor compreensão da realidade pré-colonial, história e geográfica do Brasil Central, Portanto, todas as atividades de ensino do projeto se voltam para a formação eficiente de uma nova geração de pesquisadores.

### **Determinação e consolidação do sítio-escola**

Todos os pontos positivos alcançados pelo projeto tiveram como base a determinação de todos os seus integrantes que empenharam-se desde o início para sua efetivação. Esta postura sofreu inicialmente uma certa discriminação por parte da comunidade universitária e até mesmo dos familiares dos alunos que não compreendiam o valor de se pesquisar a cultura indígena no Brasil e muito menos daquelas sociedades já desaparecidas.

Entre as dificuldades encontradas dentro da universidade ressalta-se a demora para conseguir um espaço físico adequado, a falta de material didático e a absoluta deficiência de uma literatura arqueológica atualizada nas bibliotecas.

No decorrer do projeto, este foi composto por vários alunos dos cursos de História e Ciências Sociais. O afastamento de alguns se deu devido à desmistificação da arqueologia, mas não por último, pela dificuldade financeira. Contamos atualmente com 4 bolsas de Iniciação Científica do CNPq, devendo-se ampliar o apoio financeiro do projeto por meio da colaboração de outros órgãos federais no decorrer do próximo ano.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados para consolidar o projeto sítio-escola, fica a certeza de que a experiência pela qual os alunos passam, tanto na prática quanto na teoria, está sendo de grande

CARVALHO, H. B.; DURAN, S. C. P.; LIMA, G. V.; PÉCLAT, G. T. S. C.; SANTOS, G. A.; SILVA, K. L. e TELLES, M. A. O Projeto Sítio-Escola Guará e a iniciação à pesquisa arqueológica. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):99-110, 1994-95.

proveito para a formação acadêmica, cobrindo-se lacunas significativas do ensino formal.

**ABSTRACT:** *The Guará field school project and the introduction to archaeological research* — This project was created aiming to arise the vocation for archaeology of graduate students to be by improving their evolve archaeological research in Central Brazil. Through spatial analysis of the technological and morphological aspects of the multicomponential archaeological site Guara 1 – a village of ceramic agriculturalists of the first contacts – it may be possible to point out intern hierarchies (division of labor, intra and extra community relationships, varied access to resources, e.g.), and also to test the hypothesis of both: resettling or a symbiosis, due to the expansion of colonial society. What remarks the interdisciplinary and interdepartmental feature of the project is the contribution of the ethohistoric research – through oral tradition and documentation – to the understanding of the interethnic friction processes and the final occupation of the area by the Brazilian society.

## Bibliografia citada

- ARNOLD, D.E., *Ceramic Theory and Cultural Process*. New Studies in Archaeology. (1a. ed. 1985). 1988
- CHAIM, M. M., *Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás*. Editora Oriente, Goiânia. 1974
- DOLES, D. E. M., *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*. Ed. da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 1972
- FLANNERY, K. V., Culture history v. cultural process: a debate in American archaeology. M. P. Leone (ed.), *Contemporary Archaeology*, pp. 102-107. Southern Illinois University Press, London & Amsterdam. 1972
- HALLEY, D.J., Use alteration of pottery vessel surfaces: an important source of evidence for the identification of vessel function. *North American Archaeologist* 4:326. 1972
- HIGGS, E. (ed.), *Paleoeconomy*. Cambridge University Press. Cambridge. 1972
- LAMINGEMPERAIRE, A., *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Centro de ensino e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba. 1972
- LINNÉ, S., Contribuição a l'étude de la ceramique sudamericaine. *Revista del Instituto de Etnologia* II:199-232. Universidad Nacional de Tucuman. 1972
- NIMUENDAJÚ, C., *Mapa etnohistórico de Curt Nimuendaju*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro. 1972
- RICE, P.M., *Pottery Analysis. A Sourcebook*. The University of Chicago Press, Chicago. 1972
- ROPER, D. C., The method and theory of site catchment analysis: a review. M. B. Schiffer (ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory* 2:120-140. Academic Press. New York, Inc. 1972

- CARVALHO, H. B.; DURAN, S. C. P.; LIMA, G. V.; PÉCLAT, G. T. S. C.; SANTOS, G. A.; SILVA, K. L. e TELLES, M. A. O Projeto Sítio-Escola Guará e a iniciação à pesquisa arqueológica. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):99-110, 1994-95.
- RYE, O. S., *Pottery Technology. Principles and Reconstruction. Manuals on Archaeology*, 4. Taraxacum, Inc. Washington. 1972
- SCHIFFER, M.B. & J.M. SKIBO, A research design for ceramic use-wear analysis at Grasshopper Pueblo. G. Bronitsky (ed.), *Pottery Technology: Ideas and Approaches*. Westview Press, Boulder, Colorado, pp. 183-205. 1972
- SCHMITZ, P. I., I. WÜST, S. M. COPÉ & U. E. THIES, Arqueologia do CentroSul de Goiás Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas, Série Antropologia* 33. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo. 1972
- SHEPARD, A.O., *Ceramics for the archaeologist*. Carnegie Institution of Washington. Publication 609. 1972
- SINOPOLI, C.M. . *Approaches to Archaeological Ceramics*. Plenum Publishing, New York, London. 1972
- SKIBO, J.M. *Pottery Function. A Use-Alteration Perspective*. Plenum Press, New York, London. 1972
- STEWART, J. & L. C. FARON, *Native Peoples of South America*. McGraw-Hill, New York. 1972
- TRIGGER, G.B., *Etnohistoria: Problemas y Perspectivas*. Instituto de Investigaciones Arqueológicas y Museo Universidade Nacional de San Juan, Argentina (tradução do inglês). 1972
- WÜST, I., A cerâmica Carajá de Aruanã. *Anuário de Divulgação Científica* 2(2):95-165. Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 1972
- WÜST, I., *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás. Tentativa de Análise Espacial*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo (não publicado). 1972